

A segunda parte do livro consiste numa exposição de pontos de vista teóricos de autores antigos e contemporâneos diante de problemas como os das relações entre folklore e história, de transmissão popular, de literatura popular e de teorização das crenças.

Por fim, Nicole Belmont acrescenta alguns textos diretamente entrosados com o conteúdo dos capítulos, bem como uma bibliografia.

TEREZA ALINE PEREIRA DE QUEIROZ

* *

*

BRAUNSTEIN (Philippe) e DELORT (Robert), *Venise, portrait historique d'une cité*. Editions du Seuil. Paris, 1971. 253 págs., com ilustrações.

Se deixarmos de lado o conteúdo paradoxal do título escolhido para o manual dos professores Delort e Braunstein, respectivamente da Universidade de Paris VIII (Vincennes) e da Escola Prática de Altos Estudos, podemos encara-lo positivamente. De fato, a expressão *portrait*, correspondendo a algo estático, opõe-se ao caráter dinâmico, processual do *historique*.

A multiplicidade e diversificação da cultura veneziana, tal como se nos apresenta em documentos e obras de arte, aliada à atmosfera quase mítica que parece ter desde cedo envolvido aquele centro, dificilmente poderiam estar contidas em um enquadramento rígido. Tal fato torna-se de fácil verificação no caso. Tomemos, como exemplo, duas análises de um mesmo momento. A primeira, num texto de Petrarca, da segunda metade do século XIV, onde lemos:

“A sublime cidade de Veneza é hoje a única morada da liberdade, do direito e da paz, o único refúgio da boa vontade e o único porto para todos os que, acossados pela tirania, procuram levar uma vida tranquila” (*Senilium rerum libri*, IV, 3).

Em seguida, com base em fontes totalmente diversas, ao analisarem as instituições políticas venezianas no século XIV, Braunstein e Delort demonstram que,

“entretanto, ninguém em Veneza ignorava que o Conselho dos 10 havia nascido de uma reação conservadora — *conservatorium nostre terre et domini* —, para prevenir a reincidência dos violentos acontecimentos de 1310 e 1355 (...). A maior parte da população veneziana suportou em silêncio o soberano poder inquisitorial e o clima de suspeita simbolizados, no palácio ducal, pela boca do leão que recebia acusações anônimas.

Uma deliberação do Conselho dos 10, em 10 de agosto de 1319, explica claramente como a delação foi organizada em todos os setores de Veneza” (págs. 154 e 155).

Em certos momentos, a própria fusão de elementos abstratos às manifestações mais concretas do processo histórico, gerando uma idealização de Veneza pelos seus naturais, é comentada pelos autores:

“Um dos temas maiores da historiografia veneziana é a negação do declínio, através da descrição das idades de ouro sucessivas conhecidas pela cidade; de século em século, reencontram-se as solidariedades profundas que uniram o povo. Contra os elementos hostis (...). Veneza fez frente graças à “constância” de seus habitantes” (p. 131).

Assim sendo, fosse o caso de se delinear um *portrait*, seria necessário um estudo aprofundado no campo das mentalidades e particularmente das contradições inerentes ao desenvolvimento de Veneza, ou seja, algo impraticável mesmo em um manual especializado. A incoerência do título, porém, não minimiza o trabalho dos dois historiadores que, certamente, conseguem captar a essência de algumas formas mais significativas do “patriotismo veneziano” (p. 168).

Por outro lado, a ausência de um prefácio na edição dificulta ao leitor um conhecimento mais preciso dos objetivos visados pelos autores. De modo geral, porém, podemos dizer que se trata de um trabalho, não em nível esgotante como a *Geschichte von Venedig* de H. Kretschmayr, mas que, por sua atualidade e seu critério analítico estruturado em fontes credenciadas, substitui o manual de Charles Diehl, publicado em 1915.

A relevância do tema focalizado é evidente. No panorama da história italiana, Veneza constituiu-se em um caso à parte. Voltada para o exterior na época medieval, integrada numa realidade diversa das comunas italianas, em permanente contacto com outras áreas de cultura, principalmente orientais, Veneza constrói um quadro de relações econômico-sócio-políticas totalmente original, mesmo se considerado em termos europeus. Sua arte e cultura são produtos de uma “sutil alquimia”, em que nenhuma contribuição externa é assimilada sem antes passar por um “filtro” (p. 167). Todo esse conjunto de fenômenos, fundindo-se à peculiaridade de seu sítio geográfico, contribuíram, por outro lado, para que se transformasse em um verdadeiro mito estético e existencial, sobrepondo-se às mudanças do gosto e exercendo atração indiferentemente sobre um Philippe de Commines, Goethe, Taine ou Le Corbusier.

Para o nosso século, porém, Veneza não se apresenta somente como um repositório de arte e cultura, mas também como um tema de reflexão sobre as relações e possibilidades de conciliação entre o progresso e a preservação do passado. Manifestando-se a respeito, Delort e Braunstein admitem que

“a complexidade dos problemas relativos à sobrevivência de Veneza é proporcional ao prodígio por ela encarnado há um milênio. Sem dúvida, é ilusório querer salvar Veneza sem redefinir sua função diante de seu território interior, da região norte-adriática” (p. 236).

Em relação ao plano de transforma-la unicamente em um centro cultural, reagem em contrário:

“Será possível imaginar-se uma cidade estagnada na contemplação e no estudo, onde se reuniriam eternos simpósios? Mesmo que a vida cotidiana de Veneza devesse evocar as nobres assembleias de Veronese, sentiríamos falta, na vida do espírito, do estímulo das mais diversas atividades” (p. 237).

Para lidar com a história veneziana desde os seus primórdios, foram utilizadas fontes primárias (algumas parcialmente transcritas no decorrer dos capítulos) e uma vasta bibliografia, compreendendo tanto obras gerais como especializadas em cada tema abordado.

Basicamente, o trabalho gira em torno de dois grandes temas: 1. — O dinamismo veneziano. 2. — As solidariedades venezianas. O primeiro abrange a formação material da cidade e a construção de sua potência econômica, situando-a, portanto, em relação com o exterior. Seus principais tópicos são: Os venezianos antes de Veneza — a conquista lombarda e os refugiados da laguna; a laguna bizantina. Veneza entre os Impérios (séculos VIII-XII) — as primeiras relações com os carolíngios; os inícios de Veneza; Veneza nos séculos X e XI. Marinheiros e mercadores — as mercadorias do comércio veneziano; transportes e rotas; capitais, sociedades, moeda; o mercador veneziano. Os venezianos e as fronteiras do mundo. Colonos, guerreiros, diplomatas — bases e entrepostos; um império colonial; a marinha de guerra; o exército de terra; informação e diplomacia. Veneza no século XV (textos e quadros numéricos).

A segunda parte diz respeito ao mecanismo institucional interno daquele centro, sua produção cultural e seu tipo de vida, focalizados em quatro grandes tópicos: O vocabulário político. As instituições — o povo; o doge; os conselhos; a administração. Uma sociedade fechada. Arte e cultura (o filtro veneziano) — o patriotismo artístico; realismo e luz; pintura e humanismo; glorificação do corpo e da alma de Veneza; a alegria de viver: uma aparência?

Finalizando, Braunstein e Delort abordam certos aspectos “mágicos” de Veneza, o impacto que causa às pessoas, e os problemas ligados à sua sobrevivência: Veneza e seu reflexo: Aspectos urbanos — sonhos e realidades — a alegria veneziana; a morte em Veneza. A cidade sagrada, uma herança a salvar? — os perigos da dupla Veneza; o desafio do tempo.

Elaborado criteriosamente, numa linguagem agradável e de fácil leitura, o manual é ainda uma excelente fonte para bibliografia, contando também com uma útil cronologia da história veneziana e uma lista de seus 120 doges.

TEREZA ALINE PEREIRA DE QUEIROZ

* *

*

NOVAES (Maria Stella de). — *História do Espírito Santo*. Fundo Ed. do Espírito Santo. Vitória (Espírito Santo). 1973.

A obra por nós enfocada caracteriza-se como uma monumental *Antologia* da História do Espírito Santo. Abrange, em uma quantidade enorme de capítulos (37) toda a História da Capitania, Província e Estado do Espírito Santo. É uma abordagem puramente cronológica, iniciada com os donatários, de 1534 a 1578, abordando os problemas ligados ao domínio espanhol (1580-1640), dividido este período em 2 etapas, uma que vai de 1580 a 1598 e outra de 1600 a 1640; a partir daí, sempre cronologicamente estuda factualmente a volta ao Domínio Lusitano, o século XVII, o século XVIII e o século XIX até 1819, intercalando um período de 1812 a 1819 que chama de *Rubim*. A partir desse momento, quando se desenha o processo da Independência estuda-a de 1819 a 1822, introduzindo um capítulo sobre a Julianada.

Em seguida narra os episódios do Governo Provincial englobando-os em quinze capítulos qualificados em sub-itens de I a XV, divididos em uma seriação cronológica, nas quais destaca de 1827 a 1829 o chamado *Ururau*, de 1829 a 1834 os Caramurús e Peroás, em 1849 a Insurreição do Queimado, seguida da Visita Imperial (1859-1864) e a Guerra do Paraguai (1865-1871).

A partir do 27º capítulo estuda a profa. Maria Stella Novaes os sucessivos governos estaduais, enumerando-os e ressaltando fatos políticos e administrativos, que vão desde a instalação do governo republicano até o ano de 1968.

Enriquece o esforço da professora as notas finais, esclarecedoras dos pontos abordados em seus 37 capítulos, um rol de Presidentes da Província, um rol de Presidentes do Estado, além dos nomes dos interventores federais e governadores do Estado; tudo isto coroado por uma bibliografia sobre o Estado. Embora se possa fazer restrições ao trabalho, pelo tradicionalismo de sua abordagem, é inegável o alto valor que ele representa e a validade de sua publicação. São obras dessa natureza que abrem, com suas informações, pontos de reflexão e apontam temas de interesse a serem abordados, sob novas perspectivas aos que se interessam pela História do Brasil. Cada dia mais é necessário que